



**MULHERES DEVOTAS DO PRESENTE: TRAJETÓRIAS DE AMOR E FÉ EM FLORIANÓPOLIS**

***DEVOTED WOMEN OF THE PRESENT: LOVE PATHS AND FAITH IN FLORIANÓPOLIS***

Cristiane de C. R. ABUD<sup>1</sup>

O amor foi apontando à mulher como sua vocação e, quando o dedica a um homem, nele ela procura Deus: se as circunstâncias lhe proíbem o amor humano, se é desiludida ou exigente, é em Deus mesmo que ela escolherá adorar a divindade (BEAUVOIR, 1980: 439).

**Resumo**

O propósito deste texto é revelar, através da análise do cotidiano de um grupo de mulheres que freqüentam a Catedral Metropolitana de Florianópolis, suas trajetórias e relações com o sagrado, casamento, sexualidade, fé e desejo. Atribuindo significado e temporalidade às suas narrativas, transformando-as em sujeitos pertencentes a uma história e tempo produzidos por relações de poder, gênero, classe e religião. Perceber em suas histórias cotidianas, entre o dito e o não-dito, a diversidade de representações, permanências e mudanças na história do tempo presente acerca dos modelos de feminino. O uso da categoria gênero opera aqui, para que sejam analisados os percursos e experiências destas mulheres, desvendando imaginários femininos e identidades fronteiriças, sociais, políticas e culturais.

**Palavras-chave:** Gênero; Experiências; Identidades

**Abstract**

The purpose of this text is to revealing, through analysis of the daily life of a group of women who attend the Metropolitan Cathedral of Florianopolis, their trajectories and relations with the sacred, marriage, sexuality, faith and meaning and temporality wish. Giving their narratives, transform them belonging to a subject in history and time produced by power relations, gender, class and religion. Understanding in their stories daily, between the said-and not said, , the diversity of performances, stays and changes in the history of this time about the models of women. The use of gender category gender operates here, to be analysed the pathways and experiences of these women, unravel imaginary border and identities, social, political and cultural.

**Keyword:** Gender; Experiences; Identities

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina, sob orientação da professora Dra. Cristiani Bereta da Silva. Florianópolis/SC. e-mail: nani.castro@bol.com.br

Todos os dias, ao meio dia, sete mulheres de 39 à 63 anos, encontram-se sentadas nas duas primeiras fileiras dos bancos no interior da Catedral Metropolitana de Florianópolis, com seus terços e bíblias entoam orações que ecoam por todo o interior da igreja, anunciando o início de mais uma missa. São senhoras de cabelos e pele brancas, bem vestidas e de uma forma bem comportada, viúvas em sua maioria, aposentadas e donas de casa, possuem no máximo dois filhos e freqüentam esta igreja a mais de doze anos diariamente.

A proposta deste texto é evidenciar quem são estas mulheres, suas identidades, desejos, experiências com a sexualidade, casamento, com o sagrado; através de seus depoimentos, transformando-as em sujeitos pertencentes a uma história de imaginário feminino do tempo presente. Atribuindo historicidade às suas atitudes, crenças, rituais, comportamentos, conflitos, que perpassam por relações de poder, gênero, classe, religião.

Estamos falando de mulheres e de mulheres do nosso cotidiano, pois, “é contando histórias, nossas próprias histórias, o que nos acontece e o sentido que damos ao que nos acontece, que nos damos a nós próprios uma identidade no tempo” (LARROSA, 2002: 36).

## **O lugar de encontro**

*Obrigado Senhor por nos encontrarmos e estarmos aqui. Me emociona estar aqui ( R.A. 47 anos).*

A Catedral Metropolitana de Florianópolis é patrimônio histórico tombado pelo município e pelo Estado de Santa Catarina, está localizada no centro da cidade e foi construída entre 1753 a 1773. Em 1712 foi criada a paróquia Nossa Senhora do Desterro e o primeiro casamento foi celebrado em 1714.

Em 1894 a Vila de Nossa Senhora do Desterro foi elevada a categoria de cidade. Em 1887 foi instalada na torre da Igreja Matriz o relógio vindo da Alemanha. Em 1908 pela criação da Diocese de Florianópolis, a Igreja Matriz Nossa Senhora do Desterro foi elevada a condição de catedral e desde 1922 passa por reformas e ampliações.

Ao se questionar as mulheres entrevistadas pelo motivo que freqüentam a igreja a mais de doze anos, elas responderam por ser um lugar que transmite paz, espiritualidade, acolhedor, onde encontramos fé e amigas.

O espaço da igreja constitui-se em um lugar sagrado, onde se encontra a experiência com algo diferente de nossa realidade profana ou perigosa, toda a sua alegoria, luminosidade, rituais, silêncio, tranqüilidade, revelam a fronteira do místico com o cotidiano. Um lugar, também, onde se trocam lembranças, experiências de vida, confissões comuns que tornam os fiéis integrantes de uma mesma comunidade ou grupo, que seguem práticas e representações próprias constituindo uma identidade social.

A fala de uma das mulheres, de a igreja ser um local para encontrar amigas, demonstra o significado deste espaço para poder, de uma forma permitida, trocar experiências e estar entre mulheres, já que por muito tempo a mulher teve que estar reclusa em sua casa, com seus afazeres domésticos e com a preocupação da educação dos filhos. No século XIX, em Desterro, “O isolamento das mulheres nas atividades de esposa, mãe e dona-de-casa tornou-se uma forma de distinção para a classe urbana abastada, desejando ascensão e status sociais” (PEDRO, 1994: 31).

Ao perguntar-se sobre suas formas de lazer, responderam: almoçar fora com a família; ir ao shopping; ir ao supermercado, ou seja, ainda espaços fechados e que remetem à imagem de uma mulher ideal preocupada com a família e entregue aos afazeres da casa.

Segundo Denys Cucho, a construção das identidades somente podem ser interpretadas a partir dos contextos sociais em que emergem, e das múltiplas relações sociais que delimitam, para o autor:

Se a identidade é uma construção social e não um dado, se ela é do âmbito da representação, isto não significa que ela seja uma ilusão que dependeria da subjetividade dos agentes sociais. A construção da identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas. Além disso, a construção da identidade não é uma ilusão, pois é dotada de eficácia social, produzindo *efeitos* sociais reais (1999: 182).

## **O ideal de imaculação**

*Peço Graças ao Senhor para que cuide da minha família, Graças ao senhor para que dê paz e amor para meus filhos(A.C. 63 anos).*

Das sete mulheres entrevistadas, cinco disseram ter casado virgens e, apesar de viúvas, não tiveram experiências sexuais com outro homem a não ser seus falecidos maridos, casaram entre 19 a 22 anos e na igreja. Dentre as imagens que mais lhe atraem na igreja estão a de Nossa Senhora em “Fuga para Egito” e a de Santa Catarina de Alexandria, no centro da igreja.

A imagem de Nossa Senhora é feita em madeira, datada em 1902, de origem austríaca. O foco principal é Nossa Senhora segurando menino Jesus, sentada no lombo de um burro, conduzido por José. A imagem de Nossa Senhora remete, para as entrevistadas, a de uma mãe. Uma mãe, sempre preocupada em proteger seu filho e olhar por ele. Ao mesmo tempo, uma figura religiosa que representa submissão em seu olhar, negação de sua sexualidade pela sua roupa escura que cobre todo seu corpo.

No século XIX, a figura da mulher constituía-se em um símbolo de castidade, pureza, boa mãe, “santa” como Maria em sua nobre função de gerar filhos para a sociedade patriarcal.

Tornar-se “santa”, esposa, mãe, seria símbolo de respeito devoção e, ao mesmo tempo, de um papel atribuído somente à mulher, dando-lhe poder. Não bastava ser esposa ou viúva, era preciso que se fosse mãe.

A partir do dogma da Assunção de Maria em 1951, ela ganha destaque na Igreja, no imaginário católico e feminino, em busca de suas virtudes: generosidade, humildade, pureza, imaculação eterna.

Segundo Joana Pedro, nos sermões da Igreja no século XIX, em Desterro,” ao falar de mães, reproduziam-se imagens que se encontravam nos textos gregos da antiguidade. A Virgem Maria, exemplo de todas as mães era considerada receptáculo, um vaso de honra onde se depositou o penhor de nossa salvação” (PEDRO, 1994: 24).

Já a imagem de Santa Catarina de Alexandria, além de sua virgindade, há a relação de seu sofrimento como momento de glória e as dores destinadas às mulheres. A imagem da Santa é feita em madeira poli cromada, integra o Altar-Mor da igreja, desde 1922 e de origem austríaca. Ao seu lado esquerdo está a roda, instrumento de tortura que a castigou, e possui a cora das *Virgens* de prata com rubis.

Santas símbolos de dor, beleza, sabedoria e sacrifícios a si mesmas, como a função tida da natureza da mulher, “a maternidade, tal concebida no século XIX a partir de Rousseau, é entendida como sacerdócio, uma experiência feliz que implica também necessariamente dores e sofrimentos” (BADINTER, 1985: 249). Um corpo que obteve redenção pela renúncia sexual, martírio, purificação merecedor do Espírito Santo e da salvação eterna.

A honra e a reputação de uma esposa virgem eram de fundamental importância nos jogos de poder, pois, assim como as santas, estariam livres de torturas espirituais e morais.

Modelos de santidade que atraem e completam essas mulheres que permanecem na igreja em horário de almoço, em busca da purificação da alma e do corpo, “alimentando-se” do corpo e do sangue de Cristo.

Como Santa Catarina essas mulheres, dentro da igreja, tem o dom da palavra, ganham legitimidade e atenção por terem a função de atrair os fiéis para a missa com suas orações em voz alta. Agora, com seus filhos criados e encaminhados, assumem o destino que lhes foi reservado, o casamento místico com Cristo.

A benevolência e a preocupação com o próximo estão em seus pedidos e agradecimentos de graças a Deus como: minha mãe ter saído do hospital; ter conseguido a cirurgia para meu pai; que deus ilumine meu filho e lhe dê saúde; iluminai e curai a minha filha; que tire meu filho das drogas.

## **Até que a morte nos separe**

*Aline e Mario agradecem sua união e harmonia para que nos mantenha na glória do teu amor(A.F. 49 anos).*

A busca pela fidelidade, integridade e união eterna desejadas por estas mulheres faz parte do fundamento da Igreja Católica com relação a doutrina sacramental que prega a indissociabilidade do matrimônio, baseada na fé e do papel da mulher essencial enquanto esposa. Assim, o discurso sobre o amor conjugal “ tornou-se um dos instrumentos de ação da igreja para a normatização das populações femininas” (PRIORE, 1993: 172).

Foi a partir do século XII que a união entre os casais foi elevada a categoria divina, símbolo do elo entre Cristo e a Igreja, sendo realizado nos altares das igrejas e não mais nas casas ou quartos dos noivos, “sacralizada, a união conjugal tornou-se veículo de controle de comportamento da sociedade” (MACEDO, 1990: 17).

As mulheres entrevistadas colocam-se na posição de responsáveis pela manutenção e na posição central do casamento ao exporem seus conceitos de fidelidade como sendo algo que depende do respeito ao Outro; que exige compreensão, harmonia para com o Outro. O vínculo marido/mulher ganha maior valor, permitindo um planejamento familiar maior, evidenciado pelo número de filhos dessas mulheres, de no máximo dois. Dessa forma, “são parceiros e companheiros, separados da família, dos filhos, dos amigos, mas unidos um ao outro, formam um par indivisível e mutuamente solidário” (MACFORLANE, 1990: 187).

Mulheres estas que casaram virgens e entregaram-se somente a um homem, seus esposos, sendo fiéis a eles mesmos após a morte destes. Corpos que representam um discurso de que somente no casamento é permitido fazer uso da sexualidade e que, além dele, somente será entregue a Deus.

Ser casada, agir como casada e viúva, ou seja, freqüentar espaços legítimos para esta categoria representa um modelo de mulher respeitado pela sociedade, em Desterro, a partir da Proclamação da república, as mulheres solteiras eram discriminadas, excluídas e ridicularizadas, pois estavam fora de um padrão socialmente e economicamente desejáveis. Casar virgem era sinônimo de honra para seu marido e família, pois:

O casamento não era visto como apenas um destino natural da mulher, mas como um agente específico de uma metamorfose que transformava a mulher em um ser econômico e social diferente enquanto parte de um novo agregado familiar, a unidade primária sobre a qual se baseava toda a sociedade (PERROT, 1991: 47).

É através do casamento, da submissão e zelo com seu esposo que a mulher ganha status, sendo ele tido, principalmente no século XIX, como “uma dádiva de Deus que conduz a mulher, através do sacrifício à santidade” (Id. ibd.: 206).

### **Histórias e vozes femininas: encontros e experiências com o presente**

Ao ouvir e registrar as falas destas mulheres se faz necessário levar em conta a temporalidade, transitoriedade e localização destas narrativas. Este grupo de mulheres foi entrevistado em um espaço comum, com um poder social, religioso, político e cultural próprio, portanto, suas falas possuem a influência desses saberes e formas de conhecimento deste local sagrado.

Em outros espaços, na casa, na rua, cidade, festas, poderiam, talvez, apresentar outros discursos, desejos e sentimentos contraditórios ou reveladores; demarcando fronteiras, produzindo diferentes posições de sujeito. Historicizar a experiência, possibilita evidenciar suas marcas, formas de representação, pois, “quem narra suas lembranças, recria e comunica experiências marcadas pelas diferenciações estabelecidas pelas construções de gênero” (PISCITELLI, 1997: 347).

O estudo sobre o funcionamento, as relações e subjetividades de um grupo, cria possibilidades para que se encontre nos silêncios, nos gestos, nos olhares, outra forma de reescrever a história, desconstruindo e a tornando provisória. O grupo social torna-se, assim, um espaço de encontro, confronto de singularidades, onde se expressam, produzem e escapam diferenças e identidades que constituem uma determinada forma de relacionar-se entre si; sendo o “sujeito da experiência sobretudo um espaço onde tem lugar os acontecimentos” (BONDÍA, 2002: 19).

O cotidiano é onde os indivíduos atuam, é nele que se encontra toda a potencialidade de rebeldia e também de dominação, é onde toda a vida humana é passível de uma normatização; mas é também na vida cotidiana que se exercem as mais persistentes táticas de resistência, e formas de subverter a ordem, de contrariar a norma. Para Michel Certau, “muitas práticas cotidianas são do tipo táticas” (2001, p.47). Então o estudo deste elementos se faz importante para compreender os mais variados aspectos da vida cotidiana dos indivíduos.

Procurar os vestígios, as diferentes singularidades de um grupo de mulheres, permite reconstruir trajetórias sociais de amor, devoção mística, fé, submissão, reclusão de mulheres do nosso presente que tem ainda muitas histórias e serem ouvidas, conhecidas e divulgadas.

### **Referências**

BADINTER, Elisabeth. 1985. **Um amor conquistado**. O mito do amor materno. RJ: Nova Fronteira, BEAUVOIR, Simone. 1980. **O segundo sexo**. RJ: Nova Fronteira.

BONDÍA, Jorge Larrosa. 2002. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. IN: **Revista Brasileira de Educação**. n.19, ANPED, Jan. a Abril.p.20-28.

CERTAU, Michel. **A invenção do cotidiano**-artes de fazer. 2001. Petrópolis:Vozes.

CHARTIER, Roger. 1990. **A história cultural**. Entre práticas e representações. Lisboa e Rio de Janeiro: DIFEL e Bertrand.

CUCHE, Denys. Cultura e identidade. IN: **A noção de cultura nas Ciências Sociais**.1999. Bauru:EDUSC.

FÁVERI, Marlene de. 2004. Sobre experiência, gênero e história: reflexões necessárias. **ANAIS-X Encontro Estadual de História**, 8p.

FERREIRA, Marieta e AMADO, Janaína. (orgs.). 1998. **Usos e abusos da História Oral**. RJ: FGV.

LARROSA, Jorge. 2002. Tecnologias do eu e da educação. IN: SILVA, Tomaz Tadeu. (org.). **O sujeito da educação. Estudos Foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, p.35-86.

MACEDO, José R. 1990. **A mulher na Idade Média**. SP: Contexto.

MACFORLANE, Alan. 1990. **História do casamento e do amor**. SP: CIA das Letras.

MEIHY, José Carlos (org.). 1996. **(Re) Introduzindo a história oral no Brasil**. SP: Xamã.

PEDRO, Joana Maria.1994. **Mulheres honestas e mulheres faladas**: uma questão de classe. Florianópolis: UFSC.

PERROT, Michelle. 1991. **História das mulheres no Ocidente**. Do renascimento a Idade Média. Vol.3. Portugal: Afrontamento.

\_\_\_\_\_. 1991. **História das mulheres no Ocidente**. O século XIX. Vol.4. SP: Afrontamento.

PISCITELLI, Adriana e KOFES, Suely. 1997. Memória de “histórias femininas, memórias e experiências”. IN: **Cadernos Pagu**, n.8/9, p. 343-354.

PRIORE, Mary Del. As atitudes da Igreja em face da mulher no Brasil Colônia. IN: MARCÍLIO, Maria (org.). 1993. **Família, Mulher, Sexualidade e Igreja na História do Brasil**. SP: Ed. Loyola, p.171-189.

Recebido: 20/06/08

Aceito: 20/10/08